



DISTRIBUIÇÃO DOS HOMICÍDIOS EM UBERLÂNDIA/MG: ENTRE JOVENS DE 15 A 24 ANOS.

Rosiane Ferreira Araújo Feliciano

rosiane.feliciano@hotmail.com

Faculdade de Medicina-FAMED-UFU

Ailton Souza Aragão

ailton@uniube.com.br

Faculdade de Ciências Sociais-Uniube

Maria das Graças Bonfim de Carvalho Ferriani

caroline@urp.usp.br

Universidade de São Paulo

Andréa dos Santos Vieira

andrea.vieira@yahoo.com.br

Estagiária do Projeto Pró-Saúde -UFU

Andrezza Kellen Alves Pamplona

andrezzaufu@yahoo.com.br

Estagiária do Projeto Pró-Saúde -UFU

Conrado Augusto Ferreira de Oliveira

conradoaugusto@yahoo.com.br

Estagiário do Projeto Pró-Saúde -UFU

Florence Rocha Verçosa Pereira

rv.flor@yahoo.com.br

Estagiária do Projeto Pró-Saúde -UFU

Resumo

Atualmente o crescimento da violência no Brasil tem sido um dado de grande relevância para se repensar as políticas públicas de saúde. Este artigo foi desenvolvido tendo como base os dados obtidos referentes aos casos de homicídios entre os jovens de 15 a 24 anos nos bairros periféricos de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. E a partir do desenvolvimento do artigo pudemos comprovar que as políticas de promoção à saúde devem ser pensadas dentro da dinâmica das áreas de maior vulnerabilidade social. Desta forma, temos iniciativas como a do projeto "Fica Vivo", que traz ao jovem a possibilidade de um protagonismo juvenil aliado ao social, representando uma importante ferramenta na luta contra a propagação da violência entre os jovens, no meio urbano.

Keywords: Homicides; Young; Violence; Uberlândia.

Introdução

O crescimento da violência no Brasil, a partir da década de 1980 suscita um debate: o de que o país vivencia uma nova epidemia social e atravessa um dos mais graves problemas de saúde pública já enfrentados.

Considera-se que o crescimento da violência no país é tributário, em grande parte, ao aumento da concentração de renda que ocorreu nas últimas décadas.

O processo de urbanização acelerado, pelo qual o país vem passando, gerou enormes desigualdades sociais e, em consequência, também intensas e variadas formas de violência que penetraram nos cenários da vida individual e coletiva, na deterioração da qualidade de vida e nas condições de saúde e da população, particularmente nas grandes metrópoles. MINAYO M.C.(2003).

Tais acontecimentos contribuem para o agravamento da mortalidade ocasionado por fatores externos, ocorrendo principalmente entre os jovens das classes de menor poder aquisitivo.

Dentre as causas externas, as agressões e os acidentes de trânsito nas grandes áreas urbanizadas são as principais. Segundo SOUZA E.R. (2003), em 2000: “os homicídios representaram um terço das mortes violentas no Brasil, sendo a maior causa de morte de jovens na faixa de 15 a 29 anos, especialmente os do sexo masculino”.

A associação ecológica entre concentração de renda e situação de saúde foi demonstrada empiricamente por SZWARCOWALD, C.L. et. al. (1999), correlacionando os homicídios como indicadores de saúde à distribuição espacial das desigualdades sociais.

Segundo WASELFSZ J.J. (2008), ao mapear a violência nos municípios brasileiros, mostrou que, as taxas de homicídios em Uberlândia têm crescido nos últimos anos, registrando, em 2002, uma média de 18,1 assassinatos para cada 100 mil habitantes e em 2006, de 18,2, elevando-a sete posições no ranking das cidades mais violentas do Brasil. Este índice de homicídios está acima do considerado aceitável pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que é de 10 homicídios por grupo de 100 mil habitantes.

No período de 2004 a 2007 as causas externas foram consideradas a quarta “*causa mortis*” na população geral de Uberlândia e a primeira entre a população jovem de 15 a 24 anos, sendo responsáveis por 79,25% dos óbitos nesta faixa etária.

Os autores SOUZA, L.H.F. SANTOS, M.A.F. ROSA, R. (2005) dedicaram-se a mapear os homicídios em Uberlândia no período de 1998 a 2002. Os mesmos demonstraram que a distribuição espacial é heterogênea e está correlacionada com os enormes contrastes da organização e da ocupação do espaço urbano. Portanto, o perfil da vítima de homicídio, como na maioria das cidades brasileiras, seria o jovem do sexo masculino, na faixa etária entre 15 e 29 anos.

Os altos números de homicídios de Uberlândia foram relacionados por SANTOS, M. (2006) ao uso e comercialização de entorpecentes; já em CASTRO, et. al. (2004) a atribuição é feita aos latrocínios.

Diante dos altos índices de violência no município, em 2005 a Secretaria do Estado de Defesa Social de Minas Gerais implantou um programa de Controle de Homicídios na área considerada de maior risco em Uberlândia, programa “Fica Vivo”.

Considerando a magnitude do tema para a Saúde Pública, estudar a distribuição espacial dos homicídios entre jovens de 15 a 24 anos residentes em Uberlândia-MG, no período de 2004 e 2007, reveste-se de dupla relevância; oferecendo a continuidade dos estudos sobre mortes por causas externas no município e possibilitando a avaliação das políticas públicas implementadas nos últimos anos.

Em última instância, os resultados da pesquisa poderão subsidiar o planejamento local em saúde, cumprindo o papel da Universidade de produzir conhecimento e promover a integração entre o ensino/pesquisa e a prática profissional.

Procedimentos metodológicos

Para a espacialização das causas externas referente aos homicídios entre jovens de 15 a 24 anos, foi utilizado dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) do Sistema Único de Saúde (SUS). O SIM oferece informações sobre a mortalidade por ano de ocorrência, causas, sexo, idade, raça/etnia, escolaridade e endereço de residência.

Os óbitos foram selecionados segundo a causa base dos homicídios, conforme a classificação da Décima Revisão do Código Internacional das Doenças (CID 10), na qual se incluem: acidentes de trânsito, homicídios, suicídios, agressões e outros. Para o presente estudo, considerou-se como morte por homicídios a somatória das categorias do CID 10: X85 a Y09, recebendo o título genérico de agressões. Tem como característica a presença de agressão de terceiros que utiliza qualquer meio para provocar danos, lesões ou a morte da vítima.

Os homicídios foram analisados segundo a taxa bruta de mortalidade na faixa etária de 15 a 24 anos nos biênios 2004-2005 e 2006-2007, de acordo com o local de residência. A taxa foi calculada dividindo-se o número de homicídios no período pela população do setor censitário e por bairro e multiplicando-se o resultado por 100 mil.

As bases populacionais para o cálculo das taxas por bairros foram disponibilizadas pela Secretaria de Planejamento da Prefeitura de Uberlândia e referem-se às estimativas populacionais intercensitárias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para os anos de 2005 e 2007.

A faixa etária selecionada pautou-se nos seguintes critérios: conceito de juventude da Organização Mundial de Saúde, faixa etária de maior ocorrência de homicídios e cobertura do Programa de Controle de Homicídios “Fica Vivo”.

A espacialização dos homicídios foi realizada considerando a organização da malha de Uberlândia por bairros integrados. O Projeto Bairros Integrados foi implementado pela Secretaria Municipal de Trânsito e Transportes no final da década de 80 e, a partir de 1992, a Secretaria Municipal de Planejamento Urbano e Meio Ambiente passou a participar na elaboração das propostas dos futuros bairros.

Este projeto procura racionalizar a quantidade de bairros existentes na cidade, através de critérios como a homogeneidade de cada setor, os limites naturais, as características geográficas, o uso e ocupação do solo e o sistema viário. O IBGE colabora com o projeto e utiliza os limites dos bairros integrados para a execução dos trabalhos censitários, oferecendo informações detalhadas das diversas áreas da cidade.

Destaca-se que os homicídios nos bairros Lagoinha, Carajás e Pampulha foram calculados conjuntamente, considerando que o Censo de 2000 acumula a população destes três bairros. O critério para a exclusão de bairros na espacialização foi não ter a população sido contada no último censo de 2000. Foram excluídos os bairros Shopping Park, Alto Umuarama e Morada dos Pássaros, porém nenhum deles teve registro de ocorrências de homicídios no período do estudo.

O recorte temporal dos mapeamentos considerou o ano de implantação de um programa de controle de homicídios a população jovem, em 2005, promovido pela Secretaria de Estado de Defesa Social (SEDS).

Para a distribuição espacial foi utilizado o Sistema de Informações Geográficas (SIG), ArcGis 9.0, com base cartográfica, constando logradouros, setores censitários e a malha de bairros integrados, fornecido pela Secretaria de Planejamento de Uberlândia.

Para elaboração dos mapas temáticos, utilizou-se do software ArcGis 9.0, sendo um software desenvolvido pela Environmental Systems Research Institute (ESRI) permite efetuar análises em ambiente composto pelo SIG. Segundo ROSA, R.(2004), ele é um programa que facilita a integração de dados de gráficos, tabelas, desenhos e fotografias e permite a visualização na forma de mapas.

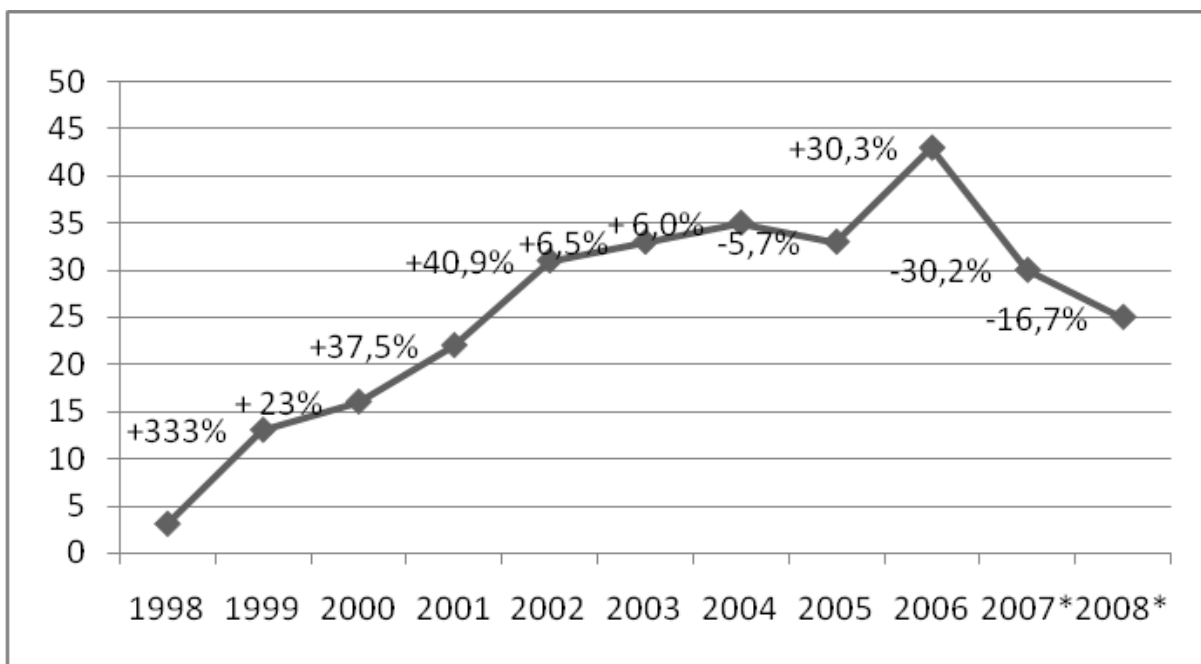
Os mapas de distribuição espacial dos homicídios foram construídos segundo a população dos bairros de residência para identificar as áreas de maior densidade da violência no período estudado.

Área de Estudo

A região do estudo refere-se à cidade de Uberlândia, o maior município do Triângulo Mineiro. Segundo o Censo Demográfico de 2000 realizado pelo IBGE, o município é uma das maiores cidade do Estado de Minas Gerais, possui área territorial de 4.116 Km², população de aproximadamente 608.369 habitantes. Sua localização está compreendida entre as seguintes coordenadas geográficas: 18°46' a 18°50' de latitude Sul e 48°04' a 48°20' de longitude Oeste de Greenwich.

Resultados

No período de 2004 a 2007 foram registrados 126 homicídios entre jovens de 15 a 24 anos. A evolução das taxas brutas dos homicídios entre jovens na faixa etária de 15 a 24 anos, no período de 1998-2008, demonstrada na Figura 1, revela que a violência em Uberlândia é um problema emergente na década de 1990, que cresce sensivelmente até 2002, apresentando mínimas variações em torno de 5 a 6% no período de 2002 a 2005. Já em 2006 cresce mais de 30% e nos anos seguintes, 2007 e 2008, essa tendência reverte significativamente, reduzindo mais de 40%.



Fonte: Elaborado a partir dos dados da Secretaria Municipal de Saúde, 2009.

Figura 1 - Evolução dos homicídios entre jovens de 15 a 24 anos, Uberlândia, Brasil, período 1998-2008.

O perfil das vítimas de homicídios constitui-se do jovem do sexo masculino (94,61%), branco, (52,51% brancos, 33,64% pardos e 13,85% negros), moradores dos setores periféricos da cidade (96,48%).

A Figura 2 expõe as taxas brutas de homicídios por Setores Censitários nos biênios 2004-2005 e 2006-2007.

Observa-se que os homicídios não se distribuem de forma homogênea no município, estando concentrado nas regiões periféricas.

Em 2006-2007 o Setor Oeste concentra as maiores taxas de homicídios, seguido pelos Setores Leste e Sul. Contudo, a comparação das taxas nos dois períodos estudados indica que houve deslocamentos dos focos de violência neste período, especialmente nos Setores Sul e Oeste.

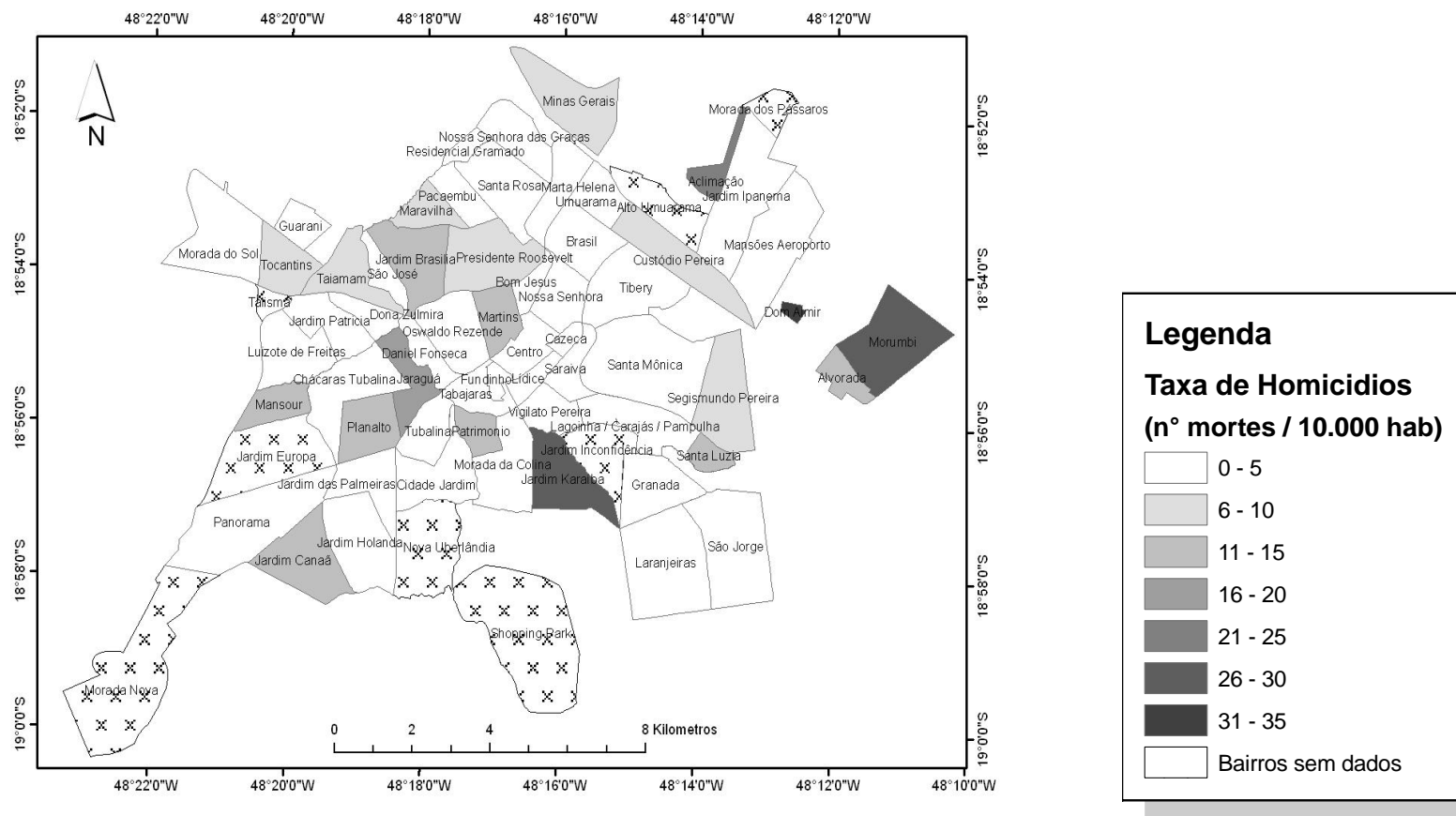
Setor	Pop. 2005 (hab.)	Homicídios 2004 a 2005	Taxa 2004 a 2005	Pop. 2007 (hab.)	Homicídios 2006 a 2007	Taxa 2006 a 2007	Tendência
Centro	20511	4	19,5	21313	1	4,7	↓
Leste	26216	22	83,9	27247	21	77,1	↓
Norte	20433	11	53,8	21249	8	37,6	↓
Oeste	27753	17	61,2	28852	23	79,7	↑
Sul	19936	8	40,1	20605	11	53,4	↑

Fonte: Secretaria Municipal de Saúde, 2009.

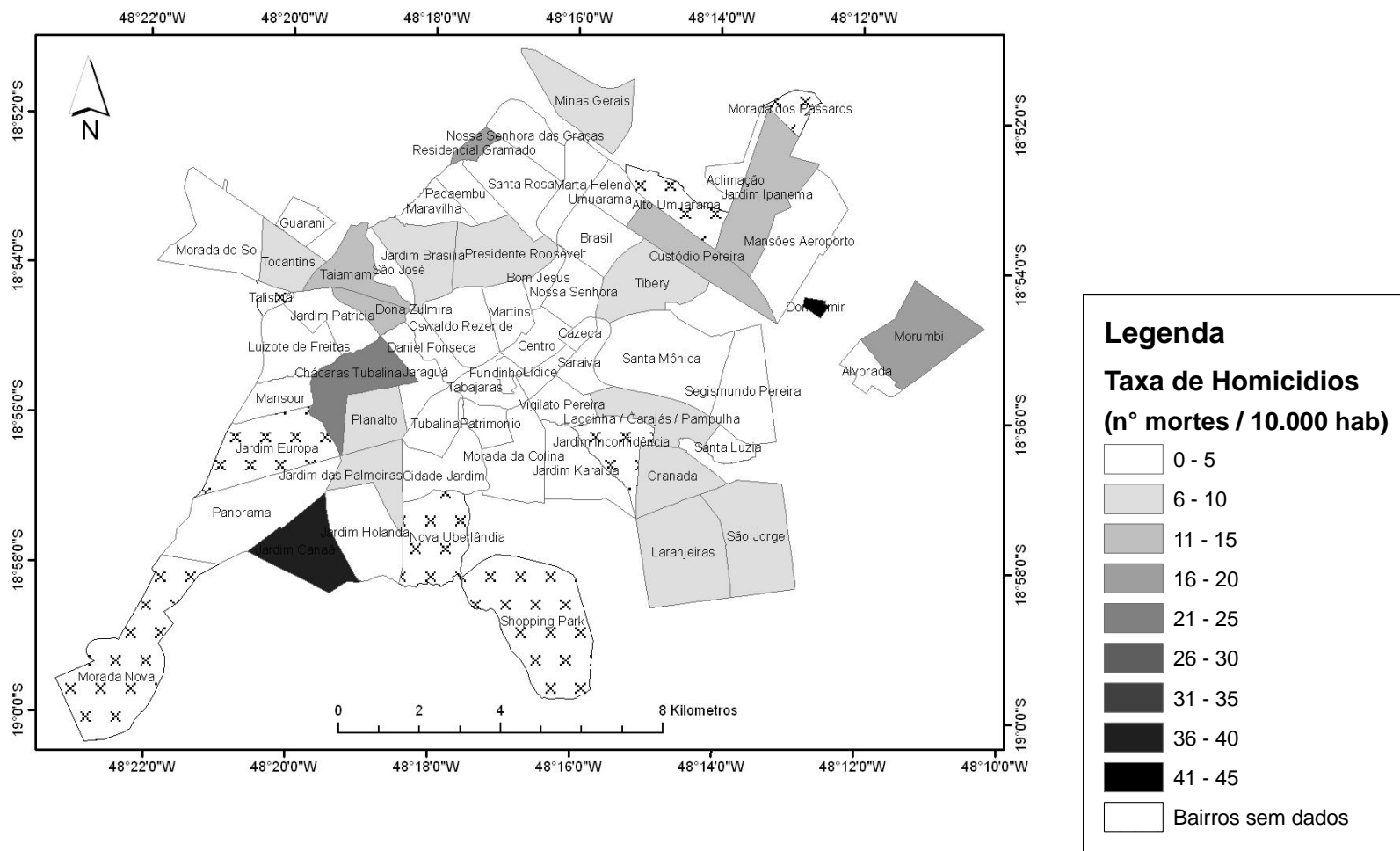
Figura 2 - Taxas de homicídio (por 100 mil hab.) na faixa etária de 15-24 anos, distribuídas por Setor Censitário, Uberlândia, Brasil, no período 2004-2007.

O Setor Leste é o de maior densidade de homicídios no primeiro biênio (2004-2005) e o segundo no último biênio (2006-2007). Observa-se uma distribuição heterogênea dos homicídios neste setor, com focos isolados de violência, como nos bairros D. Almir e Morumbi. No bairro Morumbi houve uma redução da taxa de homicídio de 41,18% quando comparados os biênios 2004-2005 e 2006-2007. O Setor Oeste assume a liderança do ranking da violência em 2006-2007 e o Jardim Canaã destaca-se como o mais denso. No Setor Sul houve uma grande melhora nas taxas do Jardim Karaíba.

A distribuição espacial das taxas brutas de homicídios por bairros, apresentadas nos Mapas 1 e 2, permite a visualização das áreas de maior densidade e acompanha o "movimento" das áreas de risco.



Mapa 1 - Taxa de homicídios (por 100 mil hab.) na faixa etária de 15 a 24 anos distribuída por bairros, Uberlândia, Brasil, período 2004 -2005



Mapa 2 - Taxa de homicídios (por 100 mil hab.) na faixa etária de 15 a 24 anos distribuída por bairros, Uberlândia, Brasil, período 2006 e 2007



Discussão

A associação entre a violência e as desigualdades sociais vem sendo discutida com base na distribuição heterogênea do evento no território e a formação de verdadeiros “territórios de violência” no espaço urbano de maior vulnerabilidade, historicamente relacionado às periferias.

[...] sendo o espaço resultado da ação da sociedade sobre a natureza, sua configuração incorpora a estrutura social e sua dinâmica. Deste modo, uma cidade ‘produz’ o lugar dos ricos, dos pobres e da indústria, bem como estabelece fluxos de circulação de bens e serviços. Uma cidade é necessariamente heterogênea. BARCELLOS, C. BASTOS, F.I. (1996).

O estado de vulnerabilidade social é produzido na conjunção entre a precariedade do mundo do trabalho com a fragilidade do vínculo social, sendo uma categoria capaz de descrever a situação de uma grande parcela da população brasileira. Dentre os fatores que colaboram para a dissociação social destacam-se: a extrema desigualdade na distribuição da renda, a migração para os grandes centros urbanos, a precariedade de moradia, as características históricas da formação da família nuclear brasileira, aliada a um contexto de precarização do trabalho que conduzem a coletividade, muitas vezes, a uma situação de rupturas da participação e da coesão social, por LOPES, R.E. et. al. (2008).

Szwarcwald, C.L. et. al. (1999) estudaram a associação ecológica entre desigualdade de renda e situação de saúde, utilizando os indicadores mortalidade infantil, morte por idade, esperança de vida ao nascer e taxa de homicídios, e encontraram que:

[...] no que se refere aos indicadores de saúde, a taxa de homicídios foi o indicador mais correlacionado aos níveis de desigualdade de renda, demonstrando que a questão da violência urbana entre jovens brasileiros não pode estar dissociada da aguda disparidade presente na nossa sociedade.

Para LOPES R.E. et. al. (2008), dentre os fatores explicativos da associação entre concentração de renda e situação de saúde, sobressai à falta de investimentos em políticas sociais emergenciais e mesmo em políticas públicas de longo alcance.

No que se refere ao perfil da vítima da violência, este tem sido descrito de forma quase universal como sendo o

[...] jovem do sexo masculino, morador das áreas periféricas e/ou menos favorecidas e, portanto, sócio-economicamente carentes; em geral possuem baixa escolaridade e preferencialmente são negros ou descendentes dessa etnia. SOUZA, E.R. et.al. (2003).

À semelhança do que vem ocorrendo na grande maioria das cidades, em Uberlândia os maiores índices de violência encontram-se nas periferias, especialmente nas áreas de maior vulnerabilidade social.

No que se refere à etnia, em Uberlândia a violência está mais relacionada à branca. Este dado pode estar refletindo os investimentos sociais na busca da equidade etno-social no país, resultado das ações dos novos movimentos sociais na luta por políticas afirmativas que reduzam a desigualdade de oportunidades.

KILSZTAJN, S. et. al. (2005) mostra que na Região Metropolitana de São Paulo, Brasil, em 2000, apesar das taxas de homicídio entre afro-descendentes e negros ser maior que a taxa calculada para não-negros, pesquisadores afirmam que a variável raça não é significativa quando controladas as variáveis anos de estudo, sexo e idade por meio de análise descritiva e de regressão logística múltipla.

Discute-se que a disparidade das taxas entre diferentes etnias está relacionada à sobre-representação de negros tanto na população com baixa escolaridade como na população masculina e jovem, principais categorias de exposição para homicídios por raça, controladas

as variáveis de ordem sócio-econômica (escolaridade) e demográfica (sexo e idade da vítima).

Para se compreender a relação entre etnia e violência em Uberlândia é necessário o contexto social que envolve variáveis, conhecer o processo de ocupação da cidade, a história dos movimentos sociais e das políticas de proteção aos afro-descendentes e outros.

Neste estudo não foi possível analisar e estabelecer uma associação entre homicídios, raça e condições sociais, pois a informação sobre a escolaridade no SIM estava subnotificada. A inconsistência de dados nos bancos oficiais como o SIM já foi tema de estudos. No entanto, questiona-se se o momento do preenchimento do atestado de óbito, especialmente no caso de um homicídio, é um momento apropriado para se levantar questões sobre a vida da vítima junto aos parentes, como no caso, a escolaridade.

Alguns estudos chamam a atenção para a necessidade de se melhorar a qualidade dos dados a partir de sua origem, para a necessidade de se incorporar a vigilância de acidentes e violência no planejamento do sistema local de saúde e, ao mesmo tempo, nortear as políticas de prevenção, proteção e promoção social, sobretudo em relação aos grupos mais vulneráveis.

Considerando que o Programa Saúde da Família é o modelo de atenção básica adotado pelo Ministério da Saúde no Brasil e que sua população de referência é adscrita, sugere-se que as Equipes de Saúde da Família realizem a investigação dos óbitos da sua área, melhorando as informações relevantes para compreensão dos fenômenos sociais necessários à gestão da saúde.

A distribuição espacial de homicídios em Uberlândia foi analisada anteriormente no período de 1998 e 2002. Os Setores Censitários Central, Leste e Norte e os Bairros Integrados Umuarama, Morumbi e Tibery foram descritos como os de maior ocorrência de homicídios. Dentre as hipóteses para a heterogeneidade da distribuição dos homicídios destacam-se a presença de tráfico e uso de drogas nos bairros periféricos da cidade, especialmente no Setor Leste.

Notam-se convergências e diversidades entre o mapeamento dos homicídios por bairros em Uberlândia nos períodos 1998-2002 e 2004-2007, confirmando a dinamicidade e a complexidade da violência urbana. Dentre as hipóteses para as variações destacam-se: grandes contrastes sociais coexistindo na mesma área, o uso e comércio de entorpecentes e as iniciativas pontuais de prevenção e coerção promovidas pelo Estado e sociedade civil organizada.

Para esta análise o Setor Leste é o mais elucidativo. Apontado em vários estudos como um dos mais violentos, é também o que carrega os maiores contrastes sociais e a presença marcante do mercado de drogas ilícitas.

[...] é um espaço bem diferenciado, caracterizado por conjuntos habitacionais, favelas, condomínios fechados e chácaras de lazer apresentando, dessa forma, contrastes em seus aspectos demográficos e sócio-econômicos. É um Setor com muitas desigualdades sociais, que diferenciam o modo de vida da população, bem como o seu cotidiano. SOUZA, L.H.F., SANTOS, M.A.F., ROSA, R. (2005).

Os Mapas 2 e 3 apresentam a formação de “territórios da violência” no Setor Leste, como o D. Almir e o Morumbi.

A presença do mercado de drogas ilícitas é descrita na literatura como um fator preponderante para o aumento das taxas de homicídios e potente amplificador para a violência social em geral sendo, portanto, um fator de risco indiscutível para o crescimento exponencial da mortalidade por violência, sobretudo na faixa etária de 15 a 29 anos, por CASTRO, M.S.M. et. al. (2004). Acredita-se que o aumento de mortes por violência possa ser examinado como um reflexo da vulnerabilidade dos jovens carentes ao engajamento na atividade criminal.

Nas palavras de MINAYO, M. C. (2003),

Em decorrência da falta de integração social, da hostilidade crescente em relação aos mais ricos (e a discriminação no sentido oposto, correspondente) e da incapacidade de inserção no mercado de trabalho, os adolescentes e adultos jovens são facilmente seduzidos pelas ofertas de dinheiro fácil e posições de liderança trazidas pelo crime organizado.

Considerando que o poder público desenvolve ações de coerção destes tipos de crime, é de se esperar que a rota do tráfico se desloque para outros bairros não tão evidentes, o que implicaria no aparecimento de novos locais de risco em 2007.

Ainda em relação ao Setor Leste observamos que apesar de ser uma área de maior concentração da violência, a evolução das taxas de homicídio nos dois períodos revela uma tendência decrescente, especialmente no bairro Morumbi. Uma das hipóteses para esta redução é a implantação de políticas públicas de controle de violência na área.

O aumento da violência elevou a cidade de Uberlândia à posição de terceira cidade mais violenta de Minas Gerais, em 2004, o que motivou a implantação de um Programa de Controle de Homicídios promovido pela Secretaria do Estado de Defesa Social de Minas Gerais em 2005.

Este programa conhecido como “Fica Vivo” tinha a pretensão de desenvolver ações preventivas que mobilizassem os jovens, entre 12 e 24 anos, das comunidades em oficinas educativas, culturais e profissionalizantes, favorecendo a organização comunitária e dos jovens.

Tendo em vista que a região do Morumbi mantinha os maiores números de homicídios entre jovens, este bairro foi escolhido como o primeiro núcleo de implantação do projeto. Em julho de 2008 o projeto atendia 1.030 jovens do Morumbi e também dos bairros adjacentes, incluindo o Assentamento Zaire Rezende, Alvorada, Celebridade, Prosperidade, Joana D’Arc, São Francisco e Dom Almir.

Os resultados do Projeto “Fica Vivo” foram avaliados numa região de alta periculosidade na cidade de Belo Horizonte e os mesmos se mostraram muito satisfatórios, indicando uma grande capacidade de resposta ao problema dos homicídios.

[...] em seis meses de implementação, o aglomerado do Morro das Pedras sofreu uma redução de 47% das taxas de homicídios, se comparado aos seis meses anteriores à implementação o projeto na mesma região. Ao mesmo tempo, quando se analisaram outras áreas da cidade reconhecidamente violentas e que não receberam a intervenção, percebeu-se um crescimento de 12% nas taxas de homicídios. É importante observar que o programa não se apresentou eficaz apenas na diminuição dos homicídios na área, mas foi importante também para a diminuição de outros crimes violentos no mesmo período, como tentativa de homicídio, assaltos e roubos a padarias, supermercados, ônibus e táxis. CASTRO, M.S.M. et. al. (2004).

Em Uberlândia também verificamos uma redução da ordem de 42,1% na taxa de homicídio entre jovens de 15 a 24 anos após dois anos da implantação do “Fica Vivo”. Este dado torna-se mais significativo quando comparado à redução de 6% na taxa de homicídio em Uberlândia em 2005, período em que houve uma enorme campanha nacional para o desarmamento da população.

ANDRADE, G.A. (2007), estudou as crenças e saberes sobre saúde e doença dos jovens inseridos no Projeto Fica Vivo em Uberlândia por meio da realização de grupos focais. Os participantes descreveram a adolescência como um período de conflitos pessoais e familiares. No momento da entrevista a maioria dos participantes tinha vida sexual ativa e já tinha tido contato com substâncias psicoativas, embora não tivesse segurança quanto aos métodos anticoncepcionais e as doenças sexualmente transmissíveis.

A dificuldade de acesso aos métodos contraceptivos foi relacionada às questões financeiras e à falta de vínculo com os profissionais de saúde. As temáticas, drogas, marginalidade e violência surgem espontaneamente relacionadas ao cotidiano no bairro.

Os jovens sentem-se estigmatizados por morarem num bairro de alta periculosidade e a participação no projeto Fica Vivo foi percebida por eles e suas famílias como fator de proteção sendo essencial na potencialidade de auxiliá-los na elaboração de novos projetos de vida rumo à superação da situação de marginalidade social.

Nessa concepção, é fundamental desenvolver estratégias e ações que promovam os direitos e a participação decorrentes da cidadania dos jovens.

A negligência no cumprimento dos direitos sociais da juventude configura-se também como uma espécie de violência social, que os impede de usufruir o seu lugar de sujeito de direitos. Trata-se de uma vulnerabilidade produzida na conjunção das precárias condições socioeconômicas aliadas a impossibilidade do exercício dos direitos inerentes de cidadania e de suas potencialidades e, ainda, com a fragilidade do vínculo social no âmbito nuclear: a família. LOPES, R.E. (2008).

Assim, é necessária a superação da “determinação biológica da violência”, ou seja, “a verdade” sobre a qual se atribuía à conduta violenta originária das determinações genéticas, biológicas ou mesmo das limitações cognitivas de uma ampla parcela da sociedade. Mas, ao contrário, a violência deve ser compreendida em sua perspectiva biopsicossocial, cujo espaço de criação é a vida em sociedade.

[...] para entendê-la, há que se apelar para a especificidade histórica. Daí se conclui, também, que na configuração da violência se cruzam problemas da política, da economia, da moral, do Direito, da Psicologia, das relações humanas e institucionais, e do plano individual MINAYO, M.C. (2003).

Trazendo esse debate para os dados obtidos junto aos bairros na cidade de Uberlândia, no qual fora desenvolvido o Projeto “Fica Vivo”, do governo de Minas Gerais, verifica-se que as “condições de vida” dos moradores das áreas urbanas com maiores índices de vulnerabilidade estão envoltos num complexo causal que lhes é, antes, violento, logo, anterior a qualquer comportamento que possa ser julgado violento.

Sobre esse cenário são as crianças e os adolescentes dessas regiões que mais sentem seus impactos. Desde a habitação precária ao trabalho precoce; da fome à mendicância nas ruas do centro; da ausência de espaços de lazer à ausência de perspectivas de vida, vários direitos são violados simultaneamente e dentre estes, o direito universal à saúde.

Assim, o Art. 4 do Estatuto da Criança e do Adolescente é desrespeitado quanto à coresponsabilidade de todos – Estado, sociedade civil e famílias – quanto à doutrina da proteção integral. SPOSITO, M.P. (1994) e MIOTO, R.C.T. (2004).

Logo, a realidade das comunidades que estão não apenas às margens da cidade, mas à margem do acesso aos bens e serviços necessários à manutenção da vida, indica a relação estrutural das expressões de violência, bem como a influência do fenômeno sobre a saúde da população residente.

Assim, o “Fica Vivo” pode ser analisado sob dois aspectos: como uma iniciativa governamental para coibir a violência em certas áreas urbanas e que, ao mesmo tempo, essa não avance para outros territórios, sobretudo os territórios centrais. E por outro lado, como uma política pública capaz de questionar e superar as estruturas de uma sociedade violenta e que, contraditoriamente, produz vítimas, que são, antes, vitimadas pelas múltiplas expressões da violência.

Sob a primeira assertiva o “Fica Vivo”, por ser de inspiração da Secretaria de Segurança para redução das mortes nos centros urbanos com maiores taxas de homicídio, mantém uma compreensão fragmentada das causalidades que promovem a violência nas comunidades. Reproduzindo o paradigma biomédico ao fragmentar a realidade social e focar o alvo da intervenção sobre aqueles que na verdade são as vítimas das estruturas de uma sociedade violenta.

Se essa perspectiva se mantém, então o “Fica Vivo” não promove o protagonismo juvenil, entendido como expressão da cidadania e da compreensão da complexidade dos fenômenos sob os quais os jovens estão imersos. Logo, a iniciativa governamental promoveria uma segregação do acesso dos jovens aos demais espaços da cidade, uma vez que os jovens seriam estigmatizados como potencialmente “violentos”. IULIANELLI J.A.S.(2003).

Porém, o “Fica Vivo”, quando aliado às reais demandas dos municípios e das comunidades, revela em sua essência, um potencial emancipatório. A confluência de demandas e de expectativas; de iniciativas isoladas e coletivas; de potenciais populares e acadêmicos demonstram que uma política pública traz em si mesma o caráter do conflito educativo. Ou seja, os aspectos sociais, políticos e econômicos são postos na arena e potencializam múltiplas respostas dos diferentes atores, sobretudo, os jovens, como o caso do Fica Vivo. BENEVIDES, M.V.M. (1994) e CACCIA-BAVA, (2003).

Pelo exposto, a redução das taxas de homicídio no bairro Morumbi (de 272,2 para 163,7/100 mil hab.), pode ter sido influenciada pela presença do “Fica Vivo”.

Sabe-se que a violência urbana encontra nos jovens o terreno fértil para seu avanço, principalmente quando há no jovem a falta de perspectiva de vida ante os desafios postos pelo atual mercado de trabalho, do acesso aos altos níveis de escolaridade, de representatividade nos espaços decisórios da vida coletiva. Assim, a construção de práticas emancipatórias requer um conceito de rede social que privilegie a sustentabilidade e a mobilização com vistas a abordar e a propor maneiras novas para tratar de velhos problemas que estão na ordem do dia. BARBOSA, A.C.M.M. (2002).

As redes sociais são tomadas aqui como possibilidade de construção de laços sociais e articulação entre sujeitos coletivos que primam pelo caráter emancipatório e formativo da *práxis* dos profissionais, das famílias, da comunidade e, principalmente, dos jovens envolvidos, sobretudo quando os vários temas/problemas estão relacionados à existência saudável no ambiente urbano.

Considerações finais

Pelo exposto, confirma-se que a violência se constitui num grave problema de Saúde Pública e que pode ser evitado por meio de planejamentos intersetoriais sustentáveis e políticas públicas emancipatórias.

Estudos ecológicos revelam a heterogeneidade da distribuição da violência nos territórios urbanos e, ao mesmo tempo, auxiliam na identificação e compreensão do fenômeno nas áreas de maior vulnerabilidade. Estes estudos nos permitem correlacionar a necessidade de promoção da saúde aliada às condições de vulnerabilidade ao mesmo tempo em que se tece uma rede de apoio social no território, logo, se mostram como uma importante ferramenta no estudo da violência urbana, considerando a sua complexidade e dinamicidade e a sua relação com o território.

Em Uberlândia as taxas brutas de homicídios entre jovens de 15 a 24 anos vem decrescendo nos últimos três anos, o que pode ser o resultado de um Projeto de Controle de Homicídios implantado na área de maior risco.

A elaboração de mapas de vulnerabilidade social e das redes de apoio é fundamental para compreensão desse movimento da violência.

Considerando a dinamicidade e heterogeneidade da distribuição da violência no território, urge promover a organização do monitoramento e da vigilância das causas externas pelas equipes de atenção básica, as quais são capazes de produzir informações que subsidiem mais planejamentos intersetoriais, sustentáveis e emancipatórios.

Referências

- ANDRADE, G.A. **Compartilhando saberes: crenças e práticas sobre o processo saúde-doença entre os adolescentes de um bairro popular**, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Curso de Enfermagem, 2007.
- BARBOSA, A.C.M.M. **Redes locais de atenção à criança e ao adolescente**, Rio de Janeiro: BNDS, 2002.
- BARCELLOS, C. BASTOS, F.I. Geoprocessamento, ambiente e saúde: uma união possível. **Caderno Saúde Pública** 12(3):389-397, 1996.
- BENEVIDES, M.V.M. Cidadania e democracia. **Revista Lua Nova** 33(1):5-16, 1994.
- CACCIA-BAVA, A. **Notas sobre metodologias educativas com jovens e direitos juvenis**.
- CASTRO, M.S.M. SILVA, B.F.A. ASSUNÇÃO, R.M. BEATO FILHO, C.C. Regionalização como estratégia para a definição de políticas públicas de controle de homicídios. **Caderno Saúde Pública** 20(5):1269-80, 2004.
- IULIANELLI, J.A.S. **Juventude: construindo processos – o protagonismo juvenil - Jovens em tempo real**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- KILSZTAJN, S. CARMO, M.S.N. SUGAHARA, G.T. LOPES, E.S. Vítimas da cor: homicídios na região metropolitana de São Paulo, Brasil, 2000. **Caderno Saúde Pública** 21(5):1408-15, 2005.
- LOPES, R.E. ADORNO, R.C.F. MALFITANO, A.P.S. TAKEITI, B.A. SILVA, C.R. BORBA, P.L.O. Juventude pobre, violência e cidadania. **Saúde Soc.** 17(3):63-76, 2008.
- MINAYO, M.C. **A violência dramatiza as causas. Violência sob o olhar da saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.
- MIOTO, R.C.T. **Novas propostas e velhos princípios: a assistência às famílias no contexto de programas de orientação e apoio sociofamiliar. Política social, família e juventude** São Paulo: Cortez; 2004.
- ROSA, R. **Introdução ao ArcView**, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2004.
- SANTOS, M.A.F. **Análise da espacialização dos homicídios na cidade de Uberlândia/MG, 1999 e 2002**, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2006.
- SOUZA, E.R. SOUZA, E.R. XIMENES, L.F. ALVES, F. MAGALHÃES, C. BILATE. D. SZUCHMACHER, A.M. et. al. **Avanços do conhecimento sobre causas externas no Brasil e no mundo: enfoque quanti e qualitativo. Violência sob o olhar da saúde**, Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003.
- SOUZA, L.H.F. SANTOS, M.A.F. ROSA, R. Mapeamento de homicídios em Uberlândia/MG entre 1999 e 2002 utilizando o software Arcview. **Caminhos de Geografia** 3(14):27-45, 2005.
- SPOSITO, M.P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social** 5(1-2):76-98, 1994.
- SZWARCWALD, C.L. BASTOS, F. ESTEVE, M.A.P. ANDRADE, C.L.T. PAEZ, M.S. MÉDICI, E.V. et al. Desigualdade de renda e situação de saúde: o caso do Rio de Janeiro. **Caderno Saúde Pública** 15(1):15-28, 1999.
- Uberlândia recebe núcleo do Programa Fica Vivo. Agência Minas. Notícias do Governo do Estado de Minas Gerais, 2005.
- WASELFISZ, J.J. **Mapa da violência nos municípios brasileiros. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino Americana**, Instituto Sangari, Ministério da Saúde, Ministério da Justiça, 2008.